

GES
PCP

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Adiante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



40.º Aniversário do Partido Comunista Português

QUARENTA ANOS DE LUTA EM DEFESA DOS INTERESSES POPULARES

O Partido Comunista Português comemora este ano o 40.º aniversário da sua fundação. São quarenta anos de luta infatigável e abnegada em defesa dos interesses e aspirações populares-mais sentidas, contra a opressão e o terror fascistas, contra a política de traição nacional da camarilha de Salazar, contra o domínio do grande capital estrangeiro e português, contra a escravidão imperialista e a guerra.

A nação oprimida tem no Partido Comunista o mais denodado campeão da grande causa da Democracia, da Liberdade e da Independência de Portugal. Na noite fascista que há 35 anos desceu sobre a Pátria, o Partido Comunista soube acender e conservar bem vivo o facho das melhores tradições de luta e de combatividade do povo português. Só um partido dotado de grande tenacidade e duma abnegação sem limites, como o Partido Comunista, podia resistir com êxito à ofensiva terrorista da camarilha governante.

Partido dos trabalhadores e do povo

A história destes quarenta anos de vida do Partido Comunista é a história do amadurecimento da consciência revolucionária de classe do proletariado português, da sua ascensão a um papel dirigente da luta popular contra o fascismo e pelas liberdades democráticas.

O Partido Comunista Português é uma criação da classe operária portuguesa e o seu destacamento de vanguarda. O Partido vive no coração das massas trabalhadoras de Portugal, tem as suas raízes mais sólidas nas fábricas e oficinas, nas herdades e aldeias e nos bair-

ros proletários das cidades e vilas do país.

O Partido Comunista só pôde guiar-se a esse papel de vanguarda e radical-se nas amplas massas trabalhadoras, pela sua acção abnegada e intransigente em defesa das reivindicações mais sentidas dos trabalhadores.

Mas o Partido não é somente a vanguarda de classe do proletariado português, ele é também o mais extremo defensor das melhores tradições progressistas e culturais do nosso povo. Durante os 40 anos da sua existência o Partido Comunista tem lutado incansavelmente pelo acesso à cultura das amplas massas populares, pela dignificação e valorização da actividade intelectual, pelo florescimento da ciência, da literatura e da arte nacionais.

Ao mesmo tempo o Partido Comunista tem combatido contra os privilégios dos grandes monopólios, contra a exploração dos gran-

des agrários, contra a exploração e o esmagamento das classes médias.

O Partido Comunista é o maior baluarte de luta contra o poder dos grandes financeiros, monopolistas e agrários que há 35 anos oprime e escraviza o povo português. É isso que faz dele um grande Partido popular e nacional.

Um partido leninista

Fundado em 1 de Março de 1921 sob o influxo revolucionário da Grande Revolução Socialista de Outubro, o Partido Comunista Português identificou-se desde as primeiras horas com os grandes ideais de Marx e de Lênine.

Aderente à Internacional Comunista e, depois da dissolução desta, estreitamente irmanado ao movimento comunista mundial, o Partido Comunista Português, através dos 40 anos da sua existência, sempre se guiou pelos superiores princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário.

Principalmente, sob a direcção de Bento Gonçalves e de Alvaro Cunhal, o Partido deixou de ser um agrupamento sem influência na vida nacional para se tornar num forte partido da classe operária, capaz de a conduzir vitoriosamente na conquista da democracia e do socialismo.

No momento presente em que um novo combate pelo revigorecimento político e ideológico se trava em todo o Partido, a sua fidelidade aos princípios leninistas é a garantia de que um novo passo em frente será dado e novos triunfos coroarão os esforços para a consolidação política e orgânica do nosso Partido.

O Partido Comunista na primeira fila do combate

O 40.º aniversário do Partido Comunista comemora-se no momento em que se aproximam ba-

(continua na 4.ª pág.)

BENTO GONÇALVES, OBREIRO DO PARTIDO

Ao passarmos em revista estes 40 anos de história do Partido, surge-nos com impressionante nitidez o papel decisivo que Bento Gonçalves teve na vida do nosso Partido.

Bento Gonçalves foi o principal obreiro da viragem radical do Partido que o transformou de um grupo de comunistas mais ou menos activos, mais ou menos conscientes, no Partido político da classe operária, respeitado, seguido e amado pelo proletariado das cidades e dos campos, bem como pela intelectualidade progressiva. Não pôde ser no tempo de Bento, em grande parte devido à sua curta

vida em liberdade, que o P. se estruturou à escala nacional, se transformou num grande partido nacional e se criou um verdadeiro Comité Central capacitado e autorizado que passou a dirigir colectivamente e de modo efectivo toda a actividade política do nosso Partido. Mas foi no tempo de Bento, e fundamentalmente devido à sua acção, que se criaram as bases indispensáveis para este ulterior progresso.

A personalidade de Bento Gonçalves era extraordinariamente rica. Bento começou por se destacar nas escolas e oficinas como um jovem dotado de raras qualidades de inteligência, força de vontade e amor ao estudo. Como operário, Bento distinguia-se pela sua excepcional competência técnica e pelo seu espírito de classe e de camaradagem. Como dirigente sindical, Bento Gonçalves fez do Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha o modelo dos sindicatos revolucionários portugueses, quer pela sua firme orientação nas lutas, quer pela honestidade da sua administração, quer pela realização de um conjunto de actividades culturais em benefício dos operários e dos seus filhos.

Mas é como dirigente político

que as qualidades de Bento mais avultam. A sua fidelidade ao marxismo-leninismo, a sua dedicação sem limites ao Partido, a sua integridade de carácter, o seu espírito de sacrifício e abnegação, a sua coragem moral e física, a sua clarividência política e capacidade de trabalho, o seu conhecimento dos homens e a sua objectividade ao seleccioná-los e ajudá-los, a sua lealdade no trato com os companheiros, a sua modestia e simplicidade, são outras tantas qualidades que fizeram de Bento um dirigente político cheio de justo prestígio e autoridade, um dirigente político respeitado e amado por todos os militantes sãos do Partido.

Como prisioneiro político, Bento Gonçalves foi um exemplo de firmeza face ao inimigo, de solidariedade para com os seus companheiros e de capacidade para aproveitar todas as oportunidades para trabalhar pelo Partido, para estudar e ensinar os seus camaradas.

Num pequeno e velho cemitério da vila do Tarrafal jazem os restos mortais do grande patriota que foi Bento António Gonçalves, Secretário-Geral do nosso Partido, mas o seu exemplo continua e continuará sempre vivo no coração de todos os comunistas portugueses.

Defendamos estas preciosas vidas!

Foram recentemente presos os camaradas Fernando Paiva Tomás, Ilídio Esteves, Mário Sene Lopes e Maria Diogo. Desde já sabemos que Fernando Paiva Tomás, estudante universitário, esteve de «estêlva» do dia 9 ao dia 13 de Fevereiro, e que posteriormente foi levado, à força, para a sede da PIDE no dia 19 e caindo lá se encontrava de «estêlva» e sofrendo fortes espasmos no dia 24. Isto é um acto de monstruosidade selvática tortura praticada contra uma mulher. Só facínoras da pior espécie, como o chefe do bando da PIDE, Homero de Matos, são capazes de tratar assim honradas mulheres portuguesas. A vida destes camaradas, e particularmente de Fernando Tomás, corre um grande perigo. Apelamos para todos os portugueses de coração a fim de que prosteiem contra a acção criminosa da PIDE que pode levar ao assassinato destes peritoes.

Não se trata, aliás, nem de um estudo científico sobre a História do P.C.P. Dá a impossibilidade de fazer-se uma cronologia em que os factos da vida do P. sejam convenientemente seleccionados e lidos seja dada a importância relativa que mereçam. Mais ainda: Nem sequer a data em que se verificaram muitos factos importantes da vida do P., como, por exemplo a data da fundação do P., se encontra estabelecida de modo satisfatório.

O artigo que a seguir publicamos é, pois, necessariamente impreciso e sujeito a rectificações. Mesmo assim, na passagem do 40.º Aniversário do nosso P., não quer a Direcção do «Avante!» deixar de dar aos seus leitores uma ideia dos factos principais da vida do nosso Partido.

De 1921 a 1929

Fundação do P.C.P.

O Partido Comunista surge em Portugal como resultado de três factores essenciais: Desenvolvimento do movimento operário e extrapartidário impetuoso das lutas operárias sobretudo a partir do derrubamento da monarquia em 1910; Inexistência de um partido político da classe operária e incapacidade dos grupos anarquistas que dominavam o movimento operário para conduzir vitoriosamente as lutas operárias; Repercussão em Portugal da grande Revolução de Outubro que derrubou o capitalismo na Rússia, e que suscitou na classe operária portuguesa uma onda de entusiasmo e apoio. Foi, pois, neste ambiente, mas não meio de uma grande confusão ideológica, visto que o marxismo-leninismo era ainda praticamente desconhecido em Portugal, que o nosso Partido foi fundado.

Eis alguns dos factos mais salientes da vida do P. neste período.

1921 — 20 de Fevereiro — Reunião de vários elementos socialistas que aprovam na generalidade as bases orgânicas do Partido.

1 de Março — Assembleia dos fundadores do P.C.P., realizada na sede da Associação dos Empregados de Escritório, Rua da Madalena, 225, 1.º, Lisboa, em que se aprovam definitivamente as bases orgânicas e o programa do P.C. Português.

— O Partido estabelece a sua sede no n.º 30 da Rua do Arco Marquês de Alentejo. — Funda-se a Juventude Comunista como resultado da criação da Juventude Sindicalista. — O P. começa a publicar o jornal «Comunista» e a Juventude Comunista o seu órgão «Jovem Comunista».

1922 — Realiza-se o 1.º Congresso do Partido Comunista Português que aprova a tática parlamentar (11-11). — A influência anarco-sindicalista que domina completamente a C.G.T. começa a diminuir.

1924 — O P. promove a 4 de Março, uma Conferência com o fim de reactivar a vida do P., pondo aí, como questão central, a aplicação prática de todas as tarefas gerais aprovadas pelo IV Congresso da I. C. e em particular as que se haviam acordado para a S.P.L.C., mas os resultados desta conferência continuam a ser praticamente nulos.

1925 — O «Comunista», órgão do P., publica um artigo no qual o P. afirma a sua orientação anti-terrorista, contrário à acção anarquista. — O P. concorre às eleições para deputados para as quais se alia com a Esquerda Democrática do Dr. José

Domingues dos Santos. Vários Comunistas fazem parte das listas conjuntas.

1926 — Realiza-se o II Congresso do P.C.P., de 26 a 28 de Maio, congresso que, contudo, não consegue reactivar o P. como se impunha. — Estabelecimento da ditadura fascista que restringe ainda mais a actividade do Partido.

1927 — Eclosão a 7 de Fevereiro dum movimento militar fracassado contra a ditadura fascista. Nesse dia o P. publica um manifesto convidando os trabalhadores a persistirem na luta e a não abandonarem as armas até à derrota da ditadura. — Bento Gonçalves com uma delegação de operários do Arsenal da Marinha e outros operários igualmente sem partido, amigos da URSS, vão a Moscovo para conhecer a União Soviética.

1928 — Bento Gonçalves, filia-se no Partido nos meses deste ano e ingressa na célula do Arsenal.

Antes de 1929, o nosso Partido era mais um grupo de associados, de comunistas e de indivíduos que o desejavam ser, ou apenas só, do que propriamente um Partido Comunista de tipo leninista. E certo que o Partido tinha realizado várias acções marciais: tinha combatido sempre o capitalismo e o fascismo; tinha sempre apoiado a União Soviética nos anos difíceis em que o socialismo dava os primeiros passos; combatia constantemente a influência desorientadora do anarco-sindicalismo no seio da classe operária, etc., mas o Partido, nunca tinha conseguido ser a entidade vanguarda organizada e o estado maior da classe operária portuguesa.

Todo este período de 21 a 28 se caracteriza pela incapacidade das várias direcções do P., constituídas no maior parte por elementos de formação pequeno-burguesa e anarquista. A debilidade ideológica do P. era extrema, dada a incapacidade da sua direcção, de a impossibilidade de dotar a classe operária com um partido de vanguarda capaz de educar e conduzir vitoriosamente.

De 1929 a 1935

Um Partido de tipo leninista

Em Abril de 1929 reuniu-se uma Conferência Nacional do P.C.P. na qual se decide reorganizar o P., dando-lhe uma feição autenticamente leninista.

A tarefa que então se punha era de facto a de criar um Partido Comunista de tipo leninista nas difíceis condições de clandestinidade. Mas Bento Gonçalves, (eleito na Conferência de Abril Secretário Geral do Partido) e os seus companheiros, lançam-se audaciosamente à realização desta tarefa. Eles estudam e difundem o marxismo-leninismo como meio indispensável de preparar ideologicamente o P. e elevam o nível político da classe operária. (O jornal «Proletário», foi, nos meses deste período, o principal propagador das ideias marxistas em Portugal).

O recrutamento e preparação de quadros capazes de forjarem um partido leninista tinha de ser e foi uma das principais preocupações de Bento Gonçalves; Álvaro Cunhal, José Gregório, Jílio Fogaça, Manuel Guedes, Francisco Miguel, Manuel Rodrigues da Silva, Alfredo Caldeira e Alberto Araújo, são, entre outros, camaradas que foram recrutados e promovidos à direcção do Parti-

tido neste período.

A organização do P. começa a estender-se a vários pontos do País e a influência do P. na classe operária ia crescendo e sobrepunha a influência anarco-sindicalista.

No plano sindical o P. conquista uma influência decisiva em vários sindicatos e promove a organização de outros. A criação da C.I.S. (Comissão Inter-Sindical) assegura, antes da fascização dos sindicatos em Dezembro de 1933, a predominância da influência do Partido no movimento sindical.

A Juventude Comunista transforma-se em Federação das Juventudes Comunistas e ganha novo vigor. O P. cria uma forte organização de marinheiros: a O.R.A. (Organização Revolucionária da Armada). Ao mesmo tempo fundem-se, sob a influência do P., toda uma série de organizações progressistas como o Socorro Vermelho, Internacional, a Liga dos amigos da URSS, a Liga Contra a Guerra e o Fascismo, e os Grupos de Defesa Académica.

1931 — Começa a publicar-se o «Avante!» como órgão central do Partido.

1931-32 — Travam-se, sob a direcção do P. uma série de importantes lutas reivindicativas: — Greve de 2.000 a 2.500 operários da construção naval (1 mês) — Greve de 5.000 marítimos de Setúbal (3 meses) — Greve dos operários da Companhia Nacional de Navegação (2 meses) e paralização de solidariedade de todos os trabalhadores do porto de Lisboa — Greve dos fragateiros (15 dias) e paralização de solidariedade dos trabalhadores do porto de Lisboa — Greves dos vidreiros da Marinha Grande — Importantes jornadas de luta contra o desemprego em Fevereiro de 1931 e em Fevereiro de 1932 — Greves estudantis das faculdades de Direito e de Medicina.

1933 — Começa a publicar-se «O Militante».

1934 — Dão-se em vários pontos do País, com relevância especial na Marinha Grande, greves revolucionárias contra a fascização dos sindicatos. Este movimento é esmagado pelo governo e segue-se-lhe uma brutal repressão que enfraquece grandemente o Partido.

1935 — Bento Gonçalves e Álvaro Cunhal, como Secretários Gerais, respectivamente do P.C.P. e da F.J.C.P., vão a Moscovo onde participam no VII Congresso da I.C. e no VI Congresso da I.J.C.

Em Novembro desse mesmo ano o P. sofre um dos mais rudes golpes da sua história. O Secretariado do P., constituído por Bento Gonçalves, Jílio Fogaça e José de Sousa, é preso em conjunto.

Os progressos realizados pelo Partido de 1929 a 1935, apesar das suas múltiplas debilidades orgânicas e políticas, alteram profundamente a correlação das forças anarquistas. No fim deste período pode dizer-se que esta viragem na correlação de forças faz do P. a principal força dirigente de todo o movimento anti-fascista.

De 1936 a 1940

Uma fase difícil

A repressão ao P. adquire uma nova brutalidade, pondo o governo em prática os modernos e refinados

métodos fascistas. Exponente desta brutalidade é o envio para o Tarrafal, a partir de Outubro de 1936, de centenas de comunistas. Dezenas de comunistas entre os quais Bento Gonçalves são ali violentemente assassinados. Os golpes sucessivos na Direcção do P., que aliás se verificam até 1942, provocam uma permanente instabilidade nos organismos superiores de Direcção. Esta instabilidade da Direcção e os golpes policiais em várias organizações com a consequente falta de quadros experientes, descontinuidade do trabalho político e de organização, falta de recursos financeiros, a infiltração de provocadores, em 1938-39, na organização regional de Lisboa e, por via desta, no aparelho técnico central, criam toda uma série de dificuldades que só com a Reorganização de 1940-41 foi possível vencer.

Porém, a despeito de todas estas dificuldades, o P. conduziu nesta época, importantes lutas e adquiriu uma rica experiência: — Rectificou-se a linha e queridista anterior ao VII Congresso da I.C. — Elevou-se o nível ideológico do P. — Criou-se um novo espírito de firmeza e intransigência perante a polícia. — A organização militar, sobretudo entre os marinheiros desenvolveu-se muito, e o jornal «Marinheiro Vermelho» distribuía-se aos milhares. Em Setembro de 1936 eclode uma revolta dos marinheiros que se apoderam dos navios «Afonso de Albuquerque» e «Dão», revolta que é sufocada do modo mais sangrento. — Criou-se, pela primeira vez em Portugal, um movimento de unidade anti-fascista: a Frente Popular. — Fez-se um intenso trabalho de agitação e propaganda nos anos de 1937-38 com o «Avante!» a sair semanalmente. — Em 1939, o P. publica importantes documentos denunciando o carácter imperialista da guerra que rebenta nesse mesmo ano — Utilizaram-se de modo brilhante as possibilidades da imprensa legal («O Diabo», «Sol Nascente», «Pensamento», etc.) para demascarar o carácter imperialista da guerra e para divulgar o ponto de vista marxista sob várias questões. — O movimento estudantil toma nova amplitude nunca antes atingida.

De 1940-41 a 1949

Um grande Partido Nacional

A libertação, em 1940, de um bom número de camaradas experimentados (Álvaro Cunhal, Militão Ribeiro, José Gregório, Jílio Fogaça, Sérgio Viarigues, Pires Jorge e Manuel Guedes), tornou possível a estes e outros camaradas como Alfredo Diniz, António Dias Lourenço e Ferreira Marques emprenderem uma Reorganização do P. A contribuição de Bento Gonçalves, com indicações que enviara do Tarrafal, foi também de grande importância para a Reorganização.

Reforçou-se todo o trabalho de Direcção e o P. foi depurado de uma série de elementos incapazes e provocadores, começou a fazer-se frente aos graves problemas da ex-

DO COMUNISTA PORTUGUÊS

tremamente débil organização existente e reactivou-se toda a vida política do Partido.

Mas a insistência num tipo de trabalho conspirativo absolutamente inconveniente facilitou novos golpes da polícia que atingiram profundamente a Direcção do P. e todo o P. No verão e outono de 1942 são presos Militário Ribeiro, Júlio Fogaça, Pires Jorge e Pedro Soares, bem como outros camaradas. A situação partidária era de novo muito difícil e impunha-se modificá-la radicalmente a curto prazo.

Para tanto era indispensável centralizar fortemente o trabalho de direcção, tomar medidas capazes de defender decisivamente o P. da acção do inimigo, de alargar e estruturar a organização do P., de organizar as massas e prepará-las para novas e grandiosas lutas. Cabe principalmente ao novo Secretariado (constituído por Alvaro Cunha, José Gregório e Manuel Guedes) o mérito de ter tomado tais medidas.

O P. começou então a desenvolver-se impetuosamente e foi sem dúvida o período que vai de 1942 a 1949 o mais brilhante da História do nosso Partido.

No que toca ao trabalho de Direcção criou-se um estilo completamente novo. Pela primeira vez se criou na clandestinidade um verdadeiro Comité Central, pela primeira vez se criou um numeroso quadro de funcionários, pela primeira vez se realizaram congressos ilegais.

A organização do P. desenvolveu-se impetuosamente tendo-se criado uma verdadeira organização nacional do P. tocando todos os pontos fundamentais do País e tendo o número de filiados do P. atingido a mais elevada cifra até hoje alcançada.

A imprensa do P., com o «Avante» e o «Militante» a sair regularmente a criação de jornais como «O Camponês» (Maio de 1947) e outros, correspondeu ao desenvolvimento da organização.

Restabeleceram-se relações normais com os Partidos Comunistas irmãos, com a União Soviética, com o Partido Comunista Português, entre os quais Alvaro Cunha.

Praticou-se uma correcta acção do trabalho legal e ilegal.

A enumeração de alguns acontecimentos ocorridos no período que vai de 1941 a 1949, melhor a ideia do trabalho então realizado pelo Partido.

1941 — O «Avante!» começa a sair regularmente a partir de Agosto — Greves dos operários têxteis da Covilhã, em Novembro — Greves estudantis em Lisboa.

1942 — Greve de 20.000 operários das construções navais e de outras classes de Lisboa, em Outubro-Novembro.

1943 — Realiza-se o I.º Congresso ilegal (III) do Partido, o primeiro nas condições de clandestinidade. Pela primeira vez se elegem no Congresso o Comité Central do P. O I.º Congresso ilegal exerceu uma grande influência no desenvolvimento posterior do Partido e nas grandes lutas que se seguiram.

— Greves de Julho-Agosto nas regiões de Lisboa, S. João da Ma-

deira e Silves que abrangeram 80 mil trabalhadores. — Criação do MUNAF, organização clandestina que agrupava quase todas as correntes anti-fascistas e que teve um papel decisivo em todas as lutas políticas até 1949.

1944 — Greves de 8 e 9 de Maio no Baixo Ribatejo e arredores de Lisboa, de mais de 25.000 trabalhadores, unificando operários e camponeses.

1945 — Mobilização de milhares de trabalhadores nas eleições sindicais e vitória das listas de homens honrados em dezenas de sindicatos. — Greves camponesas de Montemor, Vendas Novas e Lavre. — Grandes manifestações da Vitória sobre a Alemanha que mobilizaram centenas de milhares de pessoas em todo o país. — Criação do M.U.D., movimento legal da oposição. — Comícios e outras manifestações políticas durante o período eleitoral. — Grandes manifestações no 5 de Outubro, sobretudo em Lisboa e no Porto.

1946 — Nova greve dos operários têxteis da Covilhã — Realiza-se o II Congresso ilegal (IV) do Partido. Nele participaram cerca de meia centena de congressistas. O Congresso fez o balanço das grandes lutas de massas desde 1943 e das grandes jornadas democráticas de 1945-46. O Congresso condena o desvio da «política de transição». A realização vitoriosa do II Congresso ilegal constituiu um novo e grande êxito do Partido. — Criação do M. U. D. Juvenil que chegou a agrupar 20.000 jovens. — Grandes manifestações do 31 de Janeiro e 5 de Outubro, sobretudo no Porto e em Lisboa. — Grandes lutas contra a falta de géneros (marchas de fome) em vários pontos do País.

1947 — Greves de 20.000 operários das construções navais e de outras classes de Lisboa, em Abril. — Greves dos camponeses alentejanos, no verão.

1948 — Milhares de trabalhadores, seguindo as palavras de ordem do P., acorrem às eleições sindicais. Em dezenas de sindicatos saem vitoriosas listas de unidade, e o Partido conquista importante posição nos sindicatos.

1949 — Vários comícios eleitorais em apoio à Candidatura de Norton de Matos, destacando-se o grande comício do Campo Hípico, no Porto, com mais de 100.000 pessoas.

De 1949 a 1961

Dificuldades e

SUCESSOS

De 1949 a 1952, o P. viu-se alvo de uma das maiores repressões fascistas de toda a sua história. Alvaro Cunha e Militário Ribeiro são presos em 25 de Março de 49. Outros quadros de Direcção central entre eles Manuel Rodrigues, António Lourenço e Manuel Guedes, assim como outros de direcção regional, são igualmente presos. Por esta e

outras razões, o C.C. que em princípios de 1949 contava 18 membros efectivos e suplentes, contava em fins de 1952 apenas 4 membros efectivos e 1 suplente. Organizações inteiras foram neste período desmanteladas pela ofensiva do inimigo. Os efectivos do P. baixaram de modo rápido e acentuadíssimo. A guerra fria e a quebra de unidade anti-fascista aumentaram as dificuldades do Partido.

As medidas acertadas do Secretariado nos anos de 1949-51 traduzidas numa forte centralização e disciplina, conseguiram conjurar a acção do inimigo e assegurar a continuidade do trabalho do Partido. Neste período, dirigentes como José Gregório, Sérgio Vilargires, Joaquim Pires Jorge, Júlio Fogaça, Octávio Palo, Américo Gonçalves e outros, soberanamente, no fundamental defender o Partido da repressão e da provocação. Isto permitiu que o P. aguentasse a acção do inimigo, a sua organização se fosse recompondo e o Partido retomando a iniciativa política. Apesar da feroz repressão e de alguns erros sectários, o Partido levou a cabo e conduziu algumas importantes lutas políticas e económicas.

Em 1956, vencida a fase mais aguda dos desvios sectários todo o trabalho de Direcção tinha melhorado substancialmente e o C.C. era reinvestido nas suas funções e autoridade. A vida do Partido normalizava-se. Mas ao corrigir-se os excessos de centralismo caiu-se posteriormente em posições opostas de carácter oportunista que muito prejudicaram o desenvolvimento do P. Porém, apesar dos erros a que aludimos, o simples balanço cronológico das realizações partidárias durante este difícil período de 1949-61 mostra que, no essencial, o P. se manteve na vanguarda da luta do nosso Povo.

1949 — O P. define a sua posição contra o Pacto do Atlântico, — chamando o Povo à luta pela Paz e pela defesa da soberania nacional.

1951 — Campanha eleitoral do Dr. Rui Luís Gomes à Presidência da República: Agitação de desmascaramento do fascismo, reuniões de opositores e uma manifestação nas ruas de Lisboa. — Intensifica-se a luta pela Paz recolhendo-se dezenas de milhares de assinaturas para textos que defendem a Paz, destacando-se nesta luta a acção da juventude.

1952 — Grande jornada de agitação realizada em Lisboa contra a reunião do Pacto do Atlântico. — Greve de 3.000 camponeses do Alentejo por aumento de salários.

1953 — Greves de 20.000 camponeses alentejanos por aumentos de salários. — Agitação política durante a campanha para a eleição dos deputados.

1954 — Greve de 1.600 operárias da fábrica dos «Ingleses» do Porto. — Milhares de operários festejam o 1.º de Maio em muitos pontos do País.

1955 — Greves de 15.000 pescadores de vários pontos da costa por-

tuguesa por melhores condições de matrícula, salientando-se a greve de 6.000 pescadores de Matosinhos durante 1 mês e a de 3.000 pescadores de Setúbal durante 15 dias. — VI Reunião Ampliada do C.C. onde se tomam importantes resoluções sobre a unidade anti-salarista e sobre problemas de Direcção.

1956 — Grandes lutas estudantis, as maiores de há muitos anos, em Lisboa e Coimbra, contra o célebre decreto 40.900 que, na prática, pretendia acabar com as Associações Académicas.

1957 — Realiza-se o III Congresso ilegal (o V) do Partido.

Nesse salto pela primeira vez aprovados os Estatutos e o Programa do Partido. O V Congresso suscitou o interesse do movimento comunista internacional. Pela primeira vez, os mais destacados partidos irmãos enviaram as suas saudações ao Congresso, em que participaram cerca de meia centena de congressistas.

— Greve de 700 salinheiros de Alcochete durante um mês. — Greve de 5.000 pescadores de Matosinhos. — Comemorações do 5 de Outubro em que participam milhares de pessoas. — Comícios de propaganda eleitoral e largo desmascaramento do fascismo durante a campanha para a eleição dos deputados. Pela primeira vez a oposição concorre às eleições no círculo de Braga.

1958 — Comícios e grandes manifestações de rua durante a campanha para as eleições presidenciais. As manifestações de rua de centenas de milhares de pessoas foram as maiores até hoje realizadas em Portugal. A oposição concorre pela primeira vez às eleições em todo o País. — Greves políticas contra a burla eleitoral em que participam dezenas de milhares de pessoas, salientando-se a greve de 10 mil pessoas do Couço e povoações vizinhas.

1959 — Campanha para a demissão de Salazar. — Greve durante 60 dias de 6 mil pescadores de Matosinhos, Afrada, Póvoa de Varzim e Vila do Conde.

1960 — Fuga da prisão de Peniche de 10 destacados militantes do Partido Comunista Português, entre os quais Alvaro Cunha.

— Reunião extraordinária de Fevereiro do C.C. na qual se tomam várias resoluções para o melhoramento de todo o trabalho partidário, especialmente do trabalho de direcção central do Partido. — No 31 de Janeiro manifestação de milhares de pessoas no Porto. — Greve dos mineiros de Aljustrel. — No 5 de Outubro milhares de pessoas manifestam-se nas ruas de Lisboa, Porto, Conco e outras terras do País. — Vitória das listas de homens honrados em vários sindicatos. — Reunião de Dezembro do Comité Central do Partido Comunista Português em que se analisam a fundo sérias deficiências do Partido e se tomam medidas para o melhoramento de todo o trabalho do Partido, em particular do trabalho de Direcção e organização.



40.º ANIVERSÁRIO DO P. C. P.

(continuação da 1.ª pag.)

talhas decisivas contra a ditadura salazarista. As conquistas democráticas do nosso povo serão tanto mais avançadas quanto mais forte, coeso e ligado às massas se encontrar o Partido Comunista.

Na passagem do seu 40.º aniversário o Partido saudou a classe operária e todos os trabalhadores portugueses, saudou os partidos irmãos e em especial o partido cujos triunfos inspiram os comunistas de todos os países — o Partido Comunista da União Soviética. Sauda, igualmente, as forças democráticas e todo o povo português.

Ao mesmo tempo o Partido reafirma o seu desenvolvimento à grande causa nacional anti-fascista e a sua firme disposição de continuar a desenvolver o melhor dos seus esforços para a libertação do nosso povo de toda a opressão e exploração capitalistas.

Viva o 40.º aniversário do Partido Comunista Português!

Em 40 anos de luta impecável, muitos comunistas já deram a sua vida pela libertação do Povo. Passando aos milhares pelas prisões, suportando os maiores sofrimentos, dando o melhor do seu esforço à luta, os comunistas portugueses têm sido a guarda avançada do combate contra o fascismo. Ao passar o 40.º aniversário do Partido recordamos os nomes das camaradas caídas na luta, orgulho do nosso Partido e do nosso Povo.

BENTO GONÇALVES, torneiro mecânico, Secretário Geral do Partido, dirigente da reorganização do P. C. P. em 1929 que iniciou a luta nas condições de ilegalidade fascista. Chefe da delegação portuguesa ao VII Congresso da I. C. em 1935. Preso em Novembro de 1935. Morreu no Tarrafal em Setembro de 1942, com 40 anos de idade.

MILITÃO BESSA RIBEIRO, operário têxtil, membro do Secretariado do C. C. do Partido. Tendo estado 6 anos preso, 4 dos quais no Tarrafal, é preso, de novo, em 26 de Março de 1942 e morre na Penitenciária de Lisboa no dia 3 de Janeiro de 1950, depois de longo sofrimento.

ALFREDO DINIZ (ALEX), operário traçador, membro do C. C. do Partido, dirigente das greves de 1942-43 e 44. Assasinado a tiro pelos agentes da PVDE (designação anterior da PIDE) em 4 de Junho de 1945, com 28 anos de idade.

ALFREDO CALDEIRA, pintor decorador, membro do C. C. do Partido. Morreu no Tarrafal, em 1 de Dezembro de 1938.

JOSÉ MOREIRA, operário vidreiro, destacado militante do Partido, assassinado no próprio dia da sua prisão, na sede da PIDE, durante os interrogatórios, a 23 de Janeiro de 1950, por recusar denunciar a tipografia do «Avante!».

FRANCISCO FERREIRA MARQUES, empregado de escritório, membro do C. R. de Lisboa do Partido. Torturado e assassinado pela PVDE na incomunicabilidade, em Junho de 1945.

GERMÃO VIDIGAL, operário da construção civil, membro do C. L. do Partido em Montemor-o-Novo, presidente do S. N. da construção civil. Torturado e assassinado na incomunicabilidade por agentes da PVDE em 28 de Maio de 1945.

MANUEL VIEIRA TOMÉ, operário ferroviário, dirigente do Sindicato dos Ferroviários, membro do P. M. dos dirigentes do movimento de 18 de Janeiro contra a fascização dos sindicatos. Torturado e assassinado na incomunicabilidade pela PVDE, em Abril de 1934.

ANTÓNIO FERREIRA SOARES, médico, membro da organização do Partido, no Norte. Assassinado a tiro por agentes da PVDE, no seu consultório, em 4 de Junho de 1942.

ANTÓNIO GUERRA, operário vidreiro, membro do Partido, dirigente da greve de 18 de Janeiro de 1934. Morreu cheio no Tarrafal, depois de 14 anos de cativeiro.

ALFREDO RUAS, membro da F. J. C. P., assassinado a tiro durante uma manifestação em 7 de Novembro de 1932.

AUGUSTO DE ALMEIDA MARTINS, operário, membro do C. Z. do Partido em Alcañices, Torturado e assassinado pela PVDE na incomunicabilidade, a 24 de Setembro de 1937.

FRANCISCO DO NASCIMENTO ESTEVES, torneiro mecânico, membro do C. Z. do Alto do Pina, da F. J. C. P. Preso na tipografia do «Froelários». Torturado pela PVDE (foi deportado para o Tarrafal) e aí morreu em 1938.

RUI RICARDO DA SILVA, operário arsenalista, membro da organização do Arsenal e do C. R. da F. J. C. P. em Lisboa, preso em Julho de 1936, morre na prisão em consequência das torturas, a 10 de Fevereiro de 1938.

JOSÉ PATULEIA, de Vía Viciosa camponês, membro do Partido morto na PIDE a 21 de Junho de 1947.

ALFREDO DIAS LIMA, de Alpiarça, operário agrícola, membro do Partido assassinado pela GNR durante uma manifestação de camponeses em 4 de Junho de 1950, com 20 anos de idade.

ANTÓNIO DE JESUS BRANCO, fragateiro, preso numa tipografia clandestina do Partido. Morre em 1942 no Tarrafal.

GERVÁSIO DA COSTA, operário têxtil, membro do C. L. do Partido em Fafe, tuberculiza devido aos maus tratos e morre sob prisão, num hospital em 1951.

JOAQUIM LEMOS DE OLIVEIRA, barbeiro, membro do C. L. do Partido em Fafe. Morre na PIDE do Porto em 15-2-1937, 15 dias depois de ter sido preso e depois de 9 dias de estafas e espancamentos.

MANUELA SILVA JUNIOR, operário da construção civil, membro do C. L. do Partido em Viana do Castelo, morto na PIDE do Porto em 2 de Março de 1937, com 69 anos.

CATARINA EUFÉMIA, camponesa, membro do C. L. do Partido em Balseiz. Assassinada a tiro pela GNR em 19 de Maio de 1954, durante uma greve de camponeses.

E ainda Américo Gomes, Ferreira de Abreu, Aurélio Dias, Armando Ramos, Manuel Esteves de Carvalho, António Tavares, Venâncio Ferreira, Manuel dos Santos, Augusto Costa, J. Pereira, Carlos Paulo, Joaquim Correia, José Adelino dos Santos, António Lopes de Almeida, Joaquim Marreiros, João Lopes Dinis, Ernesto José Ribeiro, Fernando Alcobia, Manuel Simões Júnior, Joaquim Lopes Martins, António M. Fernandes e tantos outros camaradas e quem o governo de Salazar assassinou nas prisões, nas ruas, no Tarrafal, do mesmo modo que procura hoje assassinar as centenas de comunistas e outros democratas encerrados nas prisões.

Além das camaradas assassinadas pelas forças repressivas, outros heróicos comunistas deram a sua vida pelo Partido e pelo nosso Povo vitimados pelas duras condições de vida clandestina.

SOEIRO PEREIRA GOMES, escritor de grande talento, membro do Comité Central do P. C. P., morre na clandestinidade, em 5 de Dezembro de 1949.

MARIA HELENA MAGRO, estudante universitária de Lisboa, funcionária do Partido durante 10 anos, morre na clandestinidade em 1956.

HERMENEGILDO CORREIA, de Salvaterra, Beja, operário da C. P. no Barreiro, funcionário do Partido, morre na clandestinidade em 1958.

ROSA TEIXEIRA, de Lisboa, operária dos tabacos, funcionária do Partido, morre na clandestinidade, em 1946.

Glória aos nossos mártires e heróis! Lutemos pelo derribamento do fascismo, pela Democracia em Portugal!

Episódios das lutas operárias

AS HISTÓRICAS GREVES DE LISBOA

Grandes greves e poderosas lutas de massas, travadas sob a brutal repressão fascista, destacam-se na rica experiência de luta dos operários portugueses e do seu Partido Comunista. Elas elevaram o proletariado português ao papel de dirigente efectivo de todas as forças nacionais e patrióticas e abrem a perspectiva a lutas mais amplas que conduzirão ao levantamento nacional anti-fascista.

De entre estas lutas, destacam-se as históricas greves de Lisboa, de 1942, 1943 e 1947.

Em Outubro Novembro de 1942, exasperados pela fome, pelo aumento das horas de trabalho e pelos novos descontos, 20.000 operários da região de Lisboa desencadearam uma poderosa onda de greves que abalou o fascismo.

Estas greves foram o desfecho dum paciente trabalho de agitação e organização legal dirigido pelo Partido e prepararam o terreno para maiores lutas. O Partido lançou-se a estreitar os seus laços com as massas e a corrigir as fraquezas verificadas no decurso das greves de Outubro-Novembro.

Poucos meses depois, em Julho e Agosto de 1943, mais de 50.000 trabalhadores de Lisboa, da Margem Sul e do Vale do Vouga lançam-se valentemente na greve e organizam imponentes manifestações e marchas de fome, entrando em choque aberto com as forças fascistas.

Apesar da repressão selvagem, com milhares de prisões, despedimentos em massa, ocupação militar de localidades e fábricas, espancamentos e tiros sobre os grevistas, estes resistem corajosamente e reclamam nas ruas mais pão e maiores salários.

Através do comité de greve da região de Lisboa, o Partido dirigiu a greve dia a dia, desempenhando plenamente o seu papel de estadista-maior do proletariado. E quando

a massa dos grevistas começou a acusar o esgotamento, foi ainda o Partido que os orientou para um recuo ordenado, indicando-lhes que retomassem o trabalho unidos na luta pelas suas reivindicações, pela libertação dos grevistas presos e pela readmissão de todos os trabalhadores.

As greves de Julho-Agosto foram uma importante vitória parcial da classe operária e do seu partido. Pela primeira vez na história de Portugal, dezenas de milhares de operários lançam-se à luta seguindo a voz do Partido, organizados pelo Partido. Pela sua luta, os trabalhadores obrigaram o governo a fazer aparecer os géneros e a dar aumentos de salários. A classe operária ganhou uma nova autoridade nacional e impulsionou decisivamente a criação do MUNAF e todo o movimento anti-fascista nos anos seguintes.

Uma outra vitória muito importante foi alcançada pela classe operária e pelo Partido com a greve de Lisboa, em Abril de 1947, que envolveu 20.000 trabalhadores, encabeçados pelos operários dos estaleiros navais.

Durante 8 meses, as comissões de trabalhadores dos estaleiros na-

vais dirigidos pela sua comissão geral, conduziram uma luta aturada junto dos sindicatos e das autoridades fascistas, por meio de exposições e de concentrações. À medida que se tornava claro para a massa dos trabalhadores que os patrões e o governo não atendiam as suas reivindicações, a luta tomava formas superiores: grandes assembleias de milhares de operários se realizam nas oficinas, nos barcos, nos cais, nas ruas, e novas massas de trabalhadores de outras empresas são chamados à luta.

Quando o fascismo interveio com despedimentos e prisões, os 6.000 operários dos estaleiros lançam-se na greve, acompanhados pela solidariedade dos 8.000 trabalhadores do porto de Lisboa que paralisam por um dia, e pela greve de milhares de outros operários da cidade. Ao fim de 21 dias de greve, em que suportaram uma repressão brutal com prisões às centenas e deportações para o Tarrafal, os operários resolvem voltar ao trabalho, obtendo aumentos de salários e a baixa dos preços dos géneros.

Com a sua combatividade e organização, a classe operária, dirigida pelo Partido Comunista vibrara mais um golpe no inimigo fascista.

SAUDAÇÃO AOS PRESOS POLITICOS

Na passagem do 40.º aniversário do nosso Partido, o «Avante!» endereça a todos os camaradas que se encontram nas prisões salazaristas e que sob o lema da unidade e da solidariedade de todos os portugueses, vivem expressões do carinho e solidariedade de todo o Partido.

Em especial para vós, queridos camaradas que vos entregastes completamente à vida e à actividade do Partido e sobre quem o inimigo descarrega o seu ódio mais feroz, vai o nosso melhor pensamento e o nosso carinho. Sauda, pois, queridos camaradas Francisco Miguel, João Fogaça, Manuel Rodrigues da Silva, Manuel Guedes, José Magro, Cândida Ventura, Afonso Gregório, Sofia Ferreira, Carlos Aboim Inácio, Adão Nogueira, Guilherme de Carvalho, José Rodrigues Vitoriano, Fernando Fátima, Carlos Brito, António Gervásio, Relandir, Vergílio, Joaquim Carneiro, Helder Esteves, Aida Paula, Lúcia Paula, Aida Magro, Maria Angela Vidal, Adolfo Assis Ramos, António Santo, Ivone Dias Lourenço, Maria da Piedade, Albertina Diogo, Maria Sênia Lopes, Rêlim, João Raimundo, Armando Noro, Diogo Velas e outras camaradas de que não citamos o nome por medo de sua própria defesa. Vós sois, camaradas, o orgulho do nosso Partido, que não esquecerá o vosso belo exemplo de dedicação e firmeza.

O Partido não poupará esforços para vos arrancar das garras do inimigo. O Partido não se desviará da sua missão: a todos os presos políticos portugueses que sublevaram defender com dignidade a causa democrática.